

CAPELA DO RIO DO PEIXE E LAGOLÂNDIA: TRANSCURSOS FESTIVOS

Tereza Caroline Lôbo
terezacarolinelobo@gmail.com

João Guilherme da Trindade Curado
joaojgguilherme@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – UEG/Pirenópolis

ISSN 2316-6479

Resumo

Pretende-se pensar os processos de mediação das manifestações festivas ocorridas no povoado da Capela do Rio do Peixe e no Distrito de Lagolândia, em Pirenópolis, Goiás, através de relatos de campo. As observações participantes propiciaram entrevistas informais e um significativo material audiovisual que, confrontado com os conceitos de lugar, paisagem e identidade permitiram traduzir um pouco do imaginário daqueles que vivenciam as festividades destes *translocais* unidos pelo Rio do Peixe. Sendo assim, propomos relatar esta parceria realizada nos trabalhos de campos que resultaram em duas teses.

Palavras-chave: Capela do Rio do Peixe, Lagolândia, Cultura Popular, Festas, Pirenópolis.

Abstract

It is intended to think the mediating processes of the festive manifestations occurred in the village of Capela do Rio do Peixe and the District of Lagolândia in Pirenópolis, Goiás, through field reports. The participant observations proposes informal interviews and a significant audiovisual material that, confronted with the concepts of place, landscape and identity gives the possibility to translate a bit of imagination of those who experience the festivities of these trans-locasl united by the Rio do Peixe. Therefore, we propose to report this partnership held in the field works that resulted in two theses.

Keywords: Capela do Rio do Peixe, Lagolândia, Popular Culture, Festivals, Pirenópolis.

Transladação inicial

As duas localidades, apesar de próximas apresentam diferenças e complexidades acentuadas que vão desde a história, passando pelas sociabilidades desenvolvidas no momento de vivenciar os festejos indo até a geograficidade (DARDEL, 2011). Ao refletirmos sobre a festa de Sant'Ana na Capela do Rio do Peixe e a festividade do Divino Pai Eterno, ocorrida no Distrito de Lagolândia, buscamos através de estudos da cultura popular dar conta de suas especificidades e dinamismos. No campo, a observação mediada foi realizada desde o ano de 2007, quando foram realizados vários contatos e documentação audiovisual, procurando verificar a estrutura espaço-ritualístico dos festejos e o estreitamento das relações com os participantes envolvidos diretamente com a organização.

As festas populares são singulares cujas especificidades são continuamente reproduzidas. “Além de expressar a cultura, as festas são acontecimentos

estruturalmente relevantes e tradicionais, dotados de significados e valores que definem comportamentos e constituem a história local” (CURADO, LÔBO, 2008, p. 11). Neste trabalho, são entendidas como fenômenos sociais totais, onde o dar, o receber e o retribuir são fundamentais para a compreensão das relações engendradas durante os rituais festivos (MAUSS, 2007).

As identidades que afloram nestes momentos de “efervescência” (DURKHEIM, 1989) são plurais e resultantes do envolvimento pessoal, das experiências individuais e dos encontros temporários com o espaço festivo. É, portanto, um fenômeno próprio da comunidade que o vivencia (LÔBO, 2011) implicando como processo que envolve ação e produção de lugares e paisagens, um “tecer de estórias em processos” (MASSEY, 2008, p. 191) que dão sentidos ao mundo presente.

Capela de Sant’Ana do Rio do Peixe

A Capela de Sant’Ana do Rio do Peixe, situado a 36 km da cidade de Pirenópolis — antiga Meia Ponte —, é um povoado surgido em meados do século XVIII com a mineração do ouro. O garimpo como o que alí se estabeleceu seguiu o que já ocorria nas rancharias construídas nas margens dos rios e riachos, ao norte e ao sul do Rio Vermelho. O então povoado de Sant’Ana, padroeira dos mineradores foi formado há quatro quilômetros da área de prospecção, o Rio do Peixe. O lugarejo constituído foi assim descrito por Cunha Mattos, pesquisador que passou pelo povoado em 1824:

este pequeno arraial fica seis e meia léguas distante e ao norte de Meia Ponte e cujo julgado pertence: tem 15 casas humildes, e uma pobríssima capela: os moradores do seu distrito aplicam-se a lavoura e mineração: está no meio de ásperas montanhas, ramos dos Pireneos, meia légua distante do Rio do Peixe ao rumo do sul; toma o nome deste rio em que há uma grande ponte de madeira. Este arraial não tem importância e consideração alguma no tempo presente (CUNHA MATTOS, 1972, p. 35).

A construção de uma capela e alguns ranchos¹ constituídos por pequenas glebas “de terras doadas nominalmente a uma devoção, a um santo padroeiro” (MARX, 1991, p. 39) cria uma urbanidade, uma socialização, um lugar de encontro. E paralelamente constituía uma reserva de mão de obra não dependente, num período que a manutenção de escravos era cara e para poucos, e ao mesmo tempo consumidora de excedentes das fazendas que se formaram na região.

1 Assim chamado por serem feitos de madeira e cobertos com folhas de buriti, um tipo de palmeira, outros de uma mistura de barro prensado na madeira, ou seja, “a taipa de mão, ou taipa de sebe, ou taipa de sopapo, ou pau-apique, consiste em uma trama de paus roliços, presos à estrutura de madeira e preenchidos por uma massa de barro e, por vezes, fibras vegetais ou pequenas pedras, lançadas por duas pessoas, ao mesmo tempo, uma de um lado e outra de outro da parede” (OLIVEIRA, 2002, p. 258).

Desse modo, o nome Capela de Sant'Ana do Rio do Peixe “prestigia aquela que é a padroeira e muito mais que isto, a que é considerada a proprietária do lugar — Sant'Ana (CUSTÓDIO, 2005, p. 22). O patrimônio religioso demonstra a presença da Igreja Católica desde os primeiros tempos, que provavelmente se deu no dia 26 de julho, dia de Sant'Ana e de seca, e da proximidade do Rio do Peixe, onde deságua o Mata-mata e seus afluentes: o Santo Inácio, o Caxiri e o Chapada. Regatos que se juntam ao Rio do Peixe e atingem o Rio das Almas, constituindo a bacia hidrográfica do Araguaia-Tocantins.

Do pequeno arraial minerador sobrou apenas as memórias, o jeito rural de viver e as devoções fundadas numa religiosidade híbrida e popular. O povoado é espaço de ocorrência de várias festividades, mas que tem como destaque a festa em louvor a Sant'Ana, no mês de julho, conhecida pelos partícipes como Festa da Capela. O povoado com pouco mais de duzentos habitantes se transforma para receber e abrigar as centenas de romeiros que acampam no local criando um campo festivo próprio.



Imagem 1: Espaço da festa

Foto: CURADO, 2011.

Tela: JÚNIOR PINA, 2010.

Em entrevistas podemos atestar a data do início da romaria e dimensionar que se trata de um festejo da primeira década do século XX. Tavares, 60 anos de idade, declara em depoimento que “meu pai já era romeiro e eu frequentava desde pequena, sou a terceira geração” (22/03/2007). Algumas famílias de Pirenópolis e da região afluíam para o povoado a fim de reder graças e/ou pagar seus votos, formando grandes áreas de acampamentos determinando as posições e o grau de im-

portância num espaço cultural. Vão se estabelecendo funções rituais que se iniciam na preparação para o evento até a efetivação do mesmo, durando todo o ano, o que constrói um campo simbólico em torno da homenagem e da devoção a Sant'Ana.

A estrutura festiva tem início no sorteio do festeiro e da rainha, que um ano antes assumem o cargo de dar continuidade à tradição. Além dessas personagens temos também os mordomos dos mastros, das bandeiras, dos fogos e das fogueiras elementos que compõem os ritos religiosos. Apesar de toda a devoção estar voltada para Sant'Ana, São Sebastião e a Imaculada Conceição são também homenageados com mastros, bandeiras, fogueiras e procissão.

O ritual festivo-religioso começa no dia 17 de julho com o primeiro dia de novena, marcado pelo soar do sino, pela reza do terço, cânticos de hinos, leilões e fogos. Em seguida o ritual passa para a barraca do festeiro que oferece quitandas e bebidas a todos os presentes e a festa tem sequência nos acampamentos. Pela manhã, é realizado o terço no acampamento da rainha e servido um farto café da manhã aos participantes, o ritual se repete no meio da tarde com o terço no acampamento do festeiro. Estes rituais se repetem e são entremeados por outras festividades como a folia de Sant'Ana que gira os acampamentos e casas do povoado colhendo donativos para festa.



Imagem 2: Folia de Sant'Ana

Foto: LÔBO, 2012.

Ao fim da novena, no dia 25 de julho, são erguidos os mastros com as bandeiras, acessas as fogueiras ao som do sino e dos fogos, é importante destacar que quanto mais estouros melhor e mais animada é a festa. Na manhã do dia 26, as ruas estão todas enfeitadas com bandeirolas, é o momento da missa solene em louvor a Sant'Ana. Um cortejo solene leva o festeiro, a rainha e seus familiares para a igreja, acompanhados por uma banda de música e os fogos que anunciam o momento. Após a missa são realizados os sorteios dos componentes do festejo do próximo ano.

Um traço cultural percebido nesse festejo são as redes de relações que se estabelecem durante as festividades. Cada família tem seu acampamento delimitado, formando núcleos que se individualizam, há, por exemplo, o acampamento das famílias vindas de Jaraguá, de Goianésia, de Pirenópolis, dentre outros, com destaque para o acampamento do festeiro e da rainha que serão ocupados por aqueles contemplados nos sorteios. Desse modo, os participantes da festa pertencem sempre a um acampamento maior formado há vários anos e com tradição de ocupação do espaço. Nesses acampamentos acontecem as festas particulares com as serestas ou com os sons automotivos.

Formam-se também redes de relações entre os moradores do povoado e os romeiros sendo comuns as trocas de presentes e favores. São nos quintais das casas que os acampamentos são montados, configurando outra espacialidade constituída pelos que têm casas e os que têm acampamentos. Isso estabelece certa disputa no momento do sorteio do festeiro, o embate se dá entre os do lugar (povoado da Capela do Rio do Peixe e fazendas da região) e os que vêm de fora (romeiros de Jaraguá, Goianésia, Pirenópolis e pequenos povoados próximos), se são ou não devotos e ainda se estão ou não cumprindo voto válido à santa.



Imagem 3: Missa de Sant'Ana na Capela do Rio do Peixe

Foto: CURADO, 2010.

Durante os rituais que compõem a festa da Capela, as relações entre os romeiros e os moradores do povoado transcendem as diferenças fundadas no lugar de origem. Os núcleos constituídos pelos acampamentos, assentados nos laços de parentescos, são englobados por uma vivência cultural compartilhada, o que está em jogo nos momentos ritualísticos é a homenagem à santa ou ainda o estar ali vivendo aquele momento.

Lagolândia

Partindo de Pirenópolis pelo mesmo caminho que dá acesso à Capela do Rio do Peixe há uma bifurcação pela qual se atinge Lagolândia. No entanto vale ressaltar que a ligação interior entre as duas localidades em questão ficou intransitável pelo descaso do poder público pirenopolino.

O distrito de Lagolândia é constituído por pouco mais que cento e cinquenta imóveis distribuídos em um largo e cinco outras pequenas ruas. São menos de quinhentos os moradores locais, sendo que apenas 150 habitam a sede distrital, enquanto a grande maioria está espalhada pelas pequenas propriedades que se localizam nas proximidades. Outro fator observado durante as festas é que nestes períodos os moradores que deixaram Lagolândia para residirem em outras localidades voltam e só esta volta já se constitui uma comemoração, como expôs Maia (2001) ao analisar os retornos para as festas.



Imagem 4: Paisagem festiva transitória em Lagolândia com a presença de antigos moradores e visitantes

Foto: CURADO, 20010.

A percepção da dinâmica dos fluxos provenientes da Festa do Divino Pai Eterno em Lagolândia pauta-se no proposto por Maia (2002, p.12) ao estudar outra festa, no qual o referido autor divide, para melhor compreensão, três momentos festivos que abarcam o que denominou de “primeira fase: preparação do drama”, “segunda fase: realização do drama” e “terceira fase desativação”, sendo que em todas elas é possível identificar inúmeras transformações das paisagens lagolandenses.

Inicialmente buscou-se a ambientação dos festejos propriamente ditos, observando o calendário, estas iniciativas foram indispensáveis para desenvolver olhares diversos sobre as paisagens propiciadas pelas festas, assim como estudar os possíveis deslocamentos do pesquisador na festa sem interferir nos rituais e de maneira que não chamasse a atenção para o fato de que a comunidade estava sendo observada.

As idas e vindas pelas estradas empoeiradas se davam, muitas vezes, anteriormente que a maioria dos parentes ausentes, residentes em outras localidades. Mas, investigar a preparação é quase um convite para participar do trabalho, e foi assim que nossos préstimos foram solicitados, com todo cuidado, para algumas tarefas como mexer enormes tachas de doces: “o de leite que é mais fácil”, conforme orientou um dos responsáveis pela produção de doce para a Festa do Divino Pai Eterno, também conhecida como festa do doce.



Imagem 5: Produção de doces para Festa do Divino Pai Eterno em Lagolândia

Foto: CURADO, 2009.

A grande vantagem da colaboração voluntária na produção da festa é o convívio com as pessoas que detêm os conhecimentos e possuem memórias, por experienciar e/ou conduzir diversas outras edições da mesma festa, e por isso terem um repertório de informações que acabam sendo compartilhada ao transformar o leite em doce, tendo por complemento o calor propiciado pelas fornalhas feitas de barro para as tachas que comportam mais de cem litros de leite ou de frutas como figo, mamão, banana, além de abóbora para serem transformados em doces a serem distribuídos aos partícipes da festa no sábado e no domingo. Assim, há concordância de que “a paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado” (SANTOS 1996, p. 87), que no caso da Festa do Divino Pai Eterno em Lagolândia remonta as décadas iniciais do século XX.

Concordando que a paisagem “pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca”, transpomos esta definição para o campo festivo ao considerar ainda que a paisagem “não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores e sons etc.” (SANTOS 1997: 61). As mudanças que rapidamente acontecem diante de nossos olhos tendem a transmutar Lagolândia para a festa, o que inclui chegada de comerciantes temporários que passam a ocupar espaços da praça cuidada pelas mulheres integrantes da Associação Feminina da Imaculada Conceição.

No campo mais subjetivo, as cores, os sons e os odores se alteram, estes últimos, pelas fumaças exalada das tachas que levam ao ar não só o cheiro de madeira queimada, mas também e principalmente o perfume das frutas adocicadas pelo açúcar, impregnando a atmosfera de Lagolândia com cheiro de mamão, figo dentre outras frutas transformadas em doces coloridos que comporão a mesa de recepção do distrito nos dias de festa.

A audição mais aguçada permite identificar as transformações pelas quais Lagolândia passa em períodos de festa, como nos alertou uma moradora “o barulho de festa muda tudo por aqui”. Há concordância com esta observação, pois nove dias antes do Domingo do Divino a comunidade passa a ser acordada pela bandinha local por volta das cinco da madrugada, durante as alvoradas, que diferente das que ocorrem em outros lugares, se limita principalmente aos hinos do Divino, de São Benedito e ao de Nossa Senhora do Rosário, mas que é acompanhada por muitos jovens. O toque do sino da igreja e os foguetes são outros complementos. Estes últimos têm também por função indicar a chegada de lagolandenses que moram em outras localidades e que retornam para a festa, serve como saudação de boas vindas. Assim, para descobrir os significados e/ou símbolos utilizados por uma comunidade é necessário previamente realizar “o

reconhecimento do sujeito como lugar empírico da produção de sentidos” (VERSIANI, 2005, p. 29).

Nem todos os sentidos festivos são perceptíveis à primeira vista há quase sempre sentidos não compartilhados por falta de referenciais por parte dos que visitam e para isso nada mais interessante que seguir a programação da festa, pois o fato de acompanhar todas as etapas proporciona melhor entendimento da festividade, pois são nesses “momentos especiais opostos às prescrições político-legais, nos quais a sociedade se permite ler-se a si própria de ponta-cabeça” (DAMATTA 2000, p. 12). É na festa, também, que a individualidade e as identidades se afloram diante das emoções, mas é preciso ter conhecimentos, envolvimento e confiança da comunidade a ser investigada, pois em caso contrário e ainda de acordo com DaMatta “cada sociedade esconde dentro de si infinitos significados que sempre escapam desses exercícios gerais e ambiciosos de entendimento” (2000: 23).

Por não haver outras pesquisas sobre as festas de Lagolândia, salvo algumas pequenas menções nos inúmeros trabalhos relacionados à sua moradora mais conhecida, Benedita Cipriano Gomes, a “Santa Dica”, é que se intensificaram os trabalhos de campo, uma vez que concordamos que “a análise da interação face a face é uma das formas de procedimento que podemos escolher para realizar esta tarefa” conforme expôs Mattos (2001) ao propor sua “abordagem etnográfica na investigação científica”.

Após vários anos de recorrência na pesquisa da festa foi possível o desenvolvimento interativo dialógico, quando os sujeitos envolvidos (os moradores e o pesquisador) — os participantes — de acordo com Thompson “estão imediatamente presentes e partilham de um mesmo sistema referencial do espaço e de tempo” (1998, p. 78). Acrescenta, ainda, o mesmo autor que esta co-presença possibilita melhor entendimento das multiplicidades do que chama de “deixas simbólicas”. O que acaba contribuindo para a compreensão não só da festa, mas também da comunidade que a produz.

Em relação ao ato de pesquisar estamos de acordo com Rocha e Eckert (1998) segundo os quais “pesquisador e sujeitos pesquisados vivenciam, no tempo de duração do trabalho de campo, uma espécie de jogos de interações e de negociações de interesses, onde informações são trocadas assim como afetividades, angústias, tensões, frustrações etc” (s/p). Tal afirmativa se aplica perfeitamente no ambiente festivo de Lagolândia e se mostrou bastante eficaz nas transmissões de informações, por diversos suportes, e de conhecimentos.

Por outro lado a cumplicidade foi se estabelecendo de maneira tal que pedidos de anonimato foram aparecendo diante de fatos que poderiam gerar

intrigas ou mesmo tensão entre moradores. As angústias quase sempre se evidenciaram em relação às mudanças implantadas nas festas sem uma consulta prévia à grande parte dos moradores. Os grupos e as divergências entre eles se explicitaram em muitas falas dos “anônimos” que por esta finalidade se ausentavam ou se inseriam de maneira impessoal na descrição propiciado pelo resgate da memória e das paisagens festivas daquela localidade.

Considerações Finais

As festas das religiosidades populares católicas são comuns no município de Pirenópolis cada qual com suas especificidades e multiplicidades de possibilidades de análises. O que propomos neste artigo é através da etnografia tentar identificar, descrever e refletir sobre a Festa de Santana na Capela do Rio do Peixe e a Festa do Divino Pai Eterno que acontece no distrito de Lagolândia, objetivamos estabelecer uma estratégia capaz de apreender a complexidade dos fenômenos festivos.

A abordagem metodológica transdisciplinar desenvolvida nos trabalhos pautou-se na observação sistemática e participante. A busca dos dados *in loco* e em momentos que não eram festivos permitiram senão uma, mas várias leituras dos lugares e paisagens pesquisados: o povoado da Capela do Rio do Peixe e a Festa de Sant’Ana e o distrito de Lagolândia com os festejos em louvor ao Divino Pai Eterno.

Ao indicar algum tipo de particularidade das festas que ocorrem na Capela do Rio do Peixe e em Lagolândia, chamando a atenção para o fato de que a noção de cultura popular clama pelo desenvolvimento de formas de conhecimento que dêem conta de sistemas ou processos socioculturais amplos, pois ela demanda a percepção da heterogeneidade cultural inerente à constituição dos grupos humanos (CAVALCANTI, 2010, p. 8). A noção de “popular” amplia-se então e vem indicar um aspecto decisivo daquilo que seria, afinal, essencialmente “humano” (CAVALCANTI, 2010, p. 24).

E foram os aspectos “humanos” os responsáveis pela condução das pesquisas realizadas nas festas na Capela do Rio do Peixe e em Lagolândia, quando se buscou não só realizar apontamentos dos aspectos rituais, mas visou-se a compreensão dos significados que eles possuem para a comunidade que os promove a cada ano. Os demais registros documentais por meio de fotografias, entrevistas, conversas informais contribuíram na percepção da necessidade de participação e envolvimento dos moradores locais e das pessoas que deixaram as localidades, mas que voltam a cada ano para reafirmar diversos valores impregnados nas paisagens dos lugares festivos.

Considerando a proximidade espaço-temporal que envolve as duas festividades das localidades analisadas — que são aglomerações vizinhas, tendo em

comum o Rio do Peixe e também o mês de julho como período da realização das principais festas —, faz-se necessário destacar que há participação das comunidades em ambos os momentos, pois sendo as festas lugares de sociabilidades as relações se intensificam firmando parcerias de afeto, amizade e também de vizinhança, além, é claro, dos aspectos devocionais que permitem a perduração e manutenção de práticas identitárias festivas.

Referências Bibliográficas

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro.. “Em torno do carnaval e da cultura popular”. *Revista Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, v. 7, n. 2, 2010. pp. 7-25.

CUNHA MATTOS, Raymundo José da. *Chorographia histórica da Província de Goyaz*. Goiânia: Sudeco/Secretaria do Planejamento e Coordenação. 1972.

CURADO, João Guilherme da T; LÔBO, Tereza Caroline. Memórias e histórias: nos caminhos das festas populares em Pirenópolis. In: *Anais do 2º Seminário Internacional América Platina*. Campo Grande. 2008. 15p.

CUSTÓDIO, Willian Gomes. *Morando na terra da Santa: festa, território e representações sociais de Capela de Sant’Ana do Rio do Peixe*. Goiânia: UCG, 2005. Dissertação de Mestrado em Filosofia e Teologia,

DAMATTA, Roberto. “Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade”. *Revista Mana*, v. 6, n.1, 2000. pp.7-29.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. 2. ed. Trad. Joaquim Pereira Netto, São Paulo, Paulus, 1989.

LÔBO, Tereza Caroline. *Capela do Rio do Peixe em Pirenópolis/Goiás: lugar de festa*. Goiânia: IESA/UFG. 2011. Tese de Doutorado em Geografia.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. In: Rosendahl, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato. *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ: 2001. pp. 177-199.

_____. *Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavalheiresca e sua rede organizacional*. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002. Tese de Doutorado em Geografia

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil terra de quem?* São Paulo: Nobel, 1991.

MASSEY, Doreen B. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: *Revista Espaço*, n. 15, jul/dez: 2001. pp. 42-59.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. 2 Reimp. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 535p.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. Um lugar no século XIX: Meia Ponte. In: CHAUL, Nars Fayad e DUARTE, Luis Sérgio (Orgs.). *As cidades dos sonhos*. Goiânia: UFG, 2004. pp. 15-55.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. In: *Revista de Antropologia*. V. 41, n 2, 1998. pp. 107-136.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.

TAVARES, Adelaide Inácia Lôbo. 22/3/2007. Romeira da festa da Capela. Entrevista realizada em Pirenópolis.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998

VERSIANE, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias: conceitos alternativos sem construção*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

Minicurrículos

Tereza Caroline Lôbo é graduada em Ciências Sociais, com especialização em História do Brasil contemporâneo. Mestrado e Doutorado em Geografia. Pesquisa Manifestações da Cultura Popular e capta imagens amadoras (fotos e vídeos) destas festividades. Participou como pesquisadora do Inventário que propiciou o Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como Patrimônio Cultural do Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Canela d'Ema em Turismo.

João Guilherme Curado é graduado em História, com especialização em Educação e em Geografia, Meio Ambiente e Turismo. Mestrado e Doutorado em Geografia. Pesquisa Manifestações da Cultura Popular e capta imagens amadoras (fotos e vídeos) destas festividades. Participou como pesquisador do Inventário que propiciou o Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como Patrimônio Cultural do Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Saberes e Sabores Goianos.